

ENTRE OS SILÊNCIOS SOBRE A HISTÓRIA INDÍGENA E A HISTÓRIA DAS AMÉRICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES E PROPOSIÇÕES DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM ESCOLAS DE MARABÁ-PA

Laysa Cecilia Brasil Teodoro Mota¹ - Unifesspa
Lillian Cunha Valino² - Unifesspa
Ruan Costa do Nascimento³ - Unifesspa
Yhorrana Mayanne Teixeira Gonçalves⁴
Valéria Moreira Coelho de Melo (Coordenador do Projeto)⁵ - Unifesspa

Área de conhecimento: Ciências Humanas

Agência Financiadora da Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Programa de Ensino: PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Edital 21/2022)

Resumo: O ensino de história e cultura indígena tornou-se obrigatório na Educação Básica através da Lei 11.645/08. Entretanto, pesquisas sobre o ensino da temática apontam que a obrigatoriedade não tem garantido, em muitos casos, a abordagem adequada da História Indígena em sala de aula. Os desafios que se colocam a aplicação da lei vão desde a formação de professores, ao espaço diminuto ou inexistente que a temática indígena ocupa nos currículos e nos manuais didáticos. Neste sentido, o presente texto reúne os resultados de algumas ações do projeto intitulado “Entre os silêncios sobre a história indígena e a história das américas na Educação Básica: reflexões e proposições de estratégias pedagógicas em escolas de Marabá-PA” que vem sendo desenvolvido em duas escolas públicas do município de Marabá, no âmbito do O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Palavras-chave: Ensino de história indígena; educação básica; política.

1. INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC, 2018) e tem como objetivo proporcionar aos discentes de licenciatura da primeira metade do curso a inserção no cotidiano das escolas públicas, bem como aproximar as universidades e a realidade da educação básica. Com isso, o PIBID é de grande importância tanto para a formação profissional de novos professores, quanto no sentido de uma formação continuada para os professores das escolas participantes que atuam como supervisores no projeto. Os/as bolsistas se inserem em debates coletivos e desenvolvem atividades práticas que buscam contribuir para melhoria do ensino nas escolas. Neste sentido, a experiência de imersão em demandas específicas e reais postas

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História (ICH/Unifesspa). Bolsista PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: laysa.cecilia1@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História (ICH/Unifesspa). Bolsista do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: lillian.cunha@unifesspa.edu.br

³ Graduando do Curso de Licenciatura em História (ICH/Unifesspa). Bolsista do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail:

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em História (ICH/Unifesspa). Bolsista PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: yhorranamayane@unifesspa.edu.br

⁵ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Docente da Faculdade de História, campus Marabá, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (ICH/Unifesspa). Coordenadora do subprojeto na área de História PIBID/UNIFESSPA. E-mail: valmelo@unifesspa.edu.br

pelo cotidiano escolar ainda no início da graduação, permite uma apropriação muito mais rica e crítica das teorias aprendidas na universidade.

As atividades desenvolvidas no contexto do PIBID são divididas áreas de conhecimento e voltadas para temas específicos dentro dessas áreas. No caso do projeto aqui apresentado, o trabalho visa contribuir para a ampliação e melhoria da abordagem da história indígena no ensino fundamental. Iniciativas neste sentido contribuem para tornar mais efetiva a implementação da lei 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino de cultura e história indígena, mas contribuem também para desconstruir estereótipos e preconceitos em relação aos povos indígenas. Fundamental em espaços escolares ou não, os estabelecimentos de relações mais respeitadas e simétricas é especialmente importante em lugares com forte presença indígena, como é o caso da cidade de Marabá. Trabalhos como Kayapó (2014) e Coelho (2019), problematizam a necessidade de um redimensionamento da construção da memória acerca dos povos indígenas, isso requer a desconstrução da imagem de um "índio" genérico e a compreensão da presença e atuação indígena na história.

As atividades aqui descritas, foram desenvolvidas pelos autores do presente texto nas turmas de 9º ano, período matutino e vespertino, da escola Acyr de Jesus Neves de Barros Pereira, que fica localizada no bairro Amapá. Tendo em vista que no mês de abril se comemora o dia dos Povos Indígenas, foram desenvolvidas uma série de rodas de conversa, que buscaram aproximar os estudantes de contextos e assuntos que permitem pensar os povos originários no tempo presente. Buscou-se assim, desmistificar alguns estereótipos produzidos pela ausência dos povos indígenas na maior parte dos conteúdos abordados no livro didático de história, mostrando que os povos indígenas sempre estiveram presentes na história do Brasil. Para alcançar o objetivo, nas rodas de conversa realizadas nos 9º anos, a temática discutida foi a de como a mulher indígena se insere no cenário atual brasileiro em diferentes segmentos, como por exemplo na política.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades práticas realizadas no âmbito do projeto são sempre antecedidas do estudo de textos bibliográficos e metodológicos que visam orientar o debate e as intervenções em sala de aula. É importante destacar também que toda proposição precisa ser pensada de maneira atenta ao contexto em que ela será executada. Neste sentido, Rocha e Cintra (2021), falam da importância de tomar o espaço escolar como um espaço de pesquisa e dele se apropriar buscando etnografar desde especificidades da estrutura que a instituição escolar dispõe, até o perfil dos estudantes, a maneira como eles se relacionam com os conteúdos, os interesses e habilidades que demonstram. Esses aspectos foram levados em consideração para escolha do material e do tipo de abordagem a ser utilizado para a reflexão sobre o tema em sala de aula. Como se tratava de pensar a participação de mulheres indígenas no cenário político brasileiro, a execução da atividade foi antecedida também pelo estudo e debate de textos que abordam a questão de gênero em contextos indígenas. Como ensina Matos (2012), houve a preocupação de contextualizar e problematizar as formas de atuação de lideranças femininas indígenas, sem buscar enquadrar a trajetória dessas mulheres em categorias e significados que são próprios do debate de gênero na sociedade não indígena. Foi também solicitado aos estudantes, uma semana antes, que eles pesquisassem sobre o tema, para que no dia da atividade todos estivessem mais conectados com o assunto.

A roda de conversa foi antecedida por uma aula expositiva em que foi abordado o período da República Velha, e o enfoque principal da aula era tratar a questão do voto de cabresto, e a partir disso abordar quem tinha direito de votar naquele período, buscando assim, mostrar aos alunos que os povos indígenas estavam presentes naquele período, porém, não lhes era concedido direitos, como o de votar. A escolha da temática "A mulher indígena na política" se deu por conta de o período de realização das atividades coincidir com o mês da mulher, o que nos levou a pensar em abordar especificamente a mulher indígena, e a escolha por abordar sua participação política foi devido os alunos já estarem estudando questões políticas na sala de aula. No segundo momento, foi realizada a roda de conversa sobre a participação das mulheres indígenas na política. Na turma do período tarde, com o auxílio de um Datashow foram exibidos vídeos para explicar temas como a demarcação de terras indígenas, assim como trechos da constituição brasileira para provocar a reflexão dos alunos acerca do tema explorado pelo projeto. Na roda de conversa realizada no período da manhã os alunos foram encaminhados para a biblioteca, onde fizeram uma roda de conversa para iniciar o debate, dessa maneira, o objetivo era que todos participassem. Foram utilizados imagens impressas que circularam entre os alunos e discursos de lideranças políticas femininas indígenas, como Sonia Guajajara, Ministra dos Povos

Indígenas e Joênia Wapichana que foi a primeira mulher indígena a ser advogada e também é a Presidente da FUNAI. para chamar a atenção dos estudantes para o debate

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir das rodas de conversa realizadas com as duas turmas de 9 ano, consistem na interação que os alunos tiveram com a temática. Foi observado que as duas turmas se mostraram bastante receptivas ao debate. Os/as estudantes fizeram perguntas e contribuíram com comentários relacionados ao que estava sendo discutido durante a roda de conversa. As discussões abordaram a importância de mulheres indígenas na política brasileira, haja vista que a presença desse grupo no contexto citado tem um valor histórico muito grande na luta de gênero e de raça, visto que essa parcela da população se insere em um espaço historicamente branco e masculino, enquanto mulheres e indígenas.

Foram apresentadas aos alunos duas figuras femininas importantes no cenário político atual, a saber, Sonia Guajajara, atual ministra dos Povos Indígenas e Joênia Wapichana, primeira mulher advogada indígena a defender uma causa no Supremo Tribunal Federal, primeira mulher indígena eleita como deputada federal e atual presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Foi discutido, também, sobre a participação dessas mulheres no movimento feminista, apontando que, historicamente, as mulheres dos povos originários desempenharam papéis fundamentais em suas comunidades, muitas vezes assumindo posições de liderança e tomando parte ativa na vida social e econômica. Foi problematizado que, no entanto, a colonização e a imposição de estruturas patriarcais e eurocêntricas afetaram significativamente essas posições. Por isso, a atuação de mulheres indígenas no cenário política é fundamental para garantir a representatividade e por ser uma possibilidade de ampliação reflexão sobre a luta por uma igualdade de gênero levando em consideração também as especificidades culturais, sociais e políticas dessas mulheres.

Foi possível observar que alguns alunos nunca tiveram contato com o tema e por isso demoraram para compreender a relevância dessa temática. Os alunos conseguiram perceber a importância da participação indígena na atual política brasileira e a relação da ocupação desse espaço com a luta pela manutenção dos direitos conquistados pelo Movimento Indígena na Constituição Federal de 1988. Além disso, foi observado, também, um maior interesse e participação das meninas, sobretudo quando a discussão abrangeu a presença da mulher indígena no movimento feminista.

Imagem 1 e 2: Roda de conversa com as turmas do 9º ano do turno matutino e vespertino



Fonte: Autores (2023)

As rodas de conversas foram realizadas dentro da biblioteca e na própria sala de aula com as turmas do 9º ano do período da manhã e da tarde. As cadeiras foram dispostas no formato de uma roda, para que os alunos pudessem ter uma melhor interação uns com os outros e com os bolsistas do programa. Todos os alunos da turma compareceram no dia e participaram do debate proposto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação de discentes da graduação em programas como o PIBID constitui uma grande contribuição para a formação profissional, o que chama a atenção para a importância de programas federais como este. Também, cabe destacar a relevância da temática abordada pelo projeto em execução na Escola Acyr Barros, em Marabá. Problematizar com alunos e professores o processo histórico do apagamento dos povos

indígenas na história oficial do Brasil permite a reflexão sobre contextos de violência e discriminação que não estão distantes das vivências desses estudantes. A inserção dos povos indígenas enquanto sujeitos nas discussões dos mais diferentes períodos e eventos históricos é importante ainda para desconstruir a percepção que esse grupo social faz parte apenas de um passado remoto da história do país. assuntos tratados nos livros didáticos e no ensino da disciplina de História para alunos da educação básica.

Desse modo, observou-se que a partir da realização das atividades do projeto, como as rodas de conversa, houve uma recepção positiva por parte dos estudantes em relação a temática abordada, e a demonstração de interesse em aprender sobre o assunto. Atividades como essa, tem como objetivo também de contribuir para que os povos indígenas sejam retratados no ensino de história, de modo que estereótipos e preconceitos associados a eles cessem, sobretudo, dentro das instituições de ensino da educação básica do município de Marabá-PA, tendo vista que a cidade possui uma forte presença indígena e conta com estudantes indígenas tanto nas escolas, quanto nas universidades.

5. REFERÊNCIAS

COELHO, Mauro Cezar. A História Indígena no Ensino de História: princípios, desafios e perspectivas. In. REIS, Tiago S. et al. (orgs.). **Coleção história do tempo presente**. volume 1, Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? **Mneme – Revista de Humanidades**, v. 15, n. 35, p. 38-68, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/7445/5817>. Acesso em: 11 out. 2023.

MATOS, Maria H. MULHERES NO MOVIMENTO INDÍGENA: do espaço de complementariedade ao lugar da especificidade. In. SACCHI, Angela; Gramkow, Márcia Maria (org.). **Gênero e Povos Indígenas**. Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/ GIZ / FUNAI. 2012. p. 140-171.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PIBID – Apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 07 out 2023.

ROCHA, Helenice A.; CINTRA, Rafael. Aproximações etnográficas da escola: entrada furtiva em um pomar ou mergulho em significados partilhados? In DE ANDRADE, Juliana A; PEREIRA, Nilton M. (org). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2. Ed. São Leopoldo: Editora Oikos, 2021. p. 183-200.